



GRÁVIDA! UM CORPO DESASSOSSEGADO EM BUSCA DO APERFEIÇOAMENTO DA SAÚDE E DA ESTÉTICA

Maria Simone Vione Schwengber¹

Economia dos corpos: da comadre para os profissionais da saúde

O exercício da maternidade produz-se e se modifica na cultura (MEYER, 2006). Considero pertinente a seguinte descrição encontrada na Revista *Pais & Filhos*.

Durante os nove meses a grávida ouve várias coisas a respeito de sua condição.

A mãe passa por um turbilhão de aconselhamentos, que são dados pelas mais diversas comadres.

É um tal de: barriga redonda é sinal de menino, chupar limão acaba com o enjôo, é a lua quem desencadeia o parto, (...) enfim, papo, dicas de comadre, que deixa a grávida mais ansiosa.

Como sabes, não dá para confiar em tudo, não é mesmo? Então, leia aqui e confira o que tem fundamento científico e assim curta a sua gestação sem neuras.

E assim para te ajudar, nós, da *Pais & Filhos*, com a ajuda dos profissionais da saúde, desvendamos os mitos da gestação, que vão te deixar tranqüila e informada os nove meses.

(...) A futura mãe de classe média frequentemente é mais velha e mais ambiciosa do que foi sua própria mãe. (...) ela aborda a gravidez como qualquer outra atividade: estuda, prepara-se e treina como se fosse um exame em tribunal (PAIS & FILHOS, 1980).

Esses excertos instigam-me a pensar o quanto o planejamento da vida - no caso a socialização da reprodução - modifica-se na contemporaneidade como um *ethos* de autoinformação que mobiliza o “*self* a uma autoformação”, em uma política descrita por Giddens de autoatualização (*self-actualization*) em situações ordenadas reflexivamente que ligam *self* (eu) e o corpo. Para

¹ Doutora em Educação. Professora do curso de Educação Física e do Mestrado em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio grande do Sul - Unijuí. Participante do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero - George -, vinculado ao PPG-EDU da UFRGS e membro do grupo *Paidotribus*.



Giddens (2002), na base desse processo está a compreensão do eu [corpo] como um projeto reflexivo. Para autor o processo reflexivo do eu está articulado às políticas-vida; ainda a

[...] uma política de uma ordem reflexivamente mobilizada – o sistema da modernidade tardia – que, num individual e coletivo, alterou radicalmente os parâmetros existenciais da atividade social. É uma política de auto-realização num ambiente reflexivamente organizado, onde a reflexibilidade liga eu e o corpo a sistema de alcance global.²

Cuidar do corpo na gravidez já foi conversa só de comadres

Parece que mudaram as comadres e as mães. A reprodução humana [corpo-grávido] passou a ser assunto político, tratado pelos diferentes meios, inclusive pela revista *Pais & Filhos*, e defendido “como uma tarefa que cabe à “especialista, aos profissionais da educação e da saúde” e assim recria-se a experiência materna em novas bases³. Organizam-se, então, novos modos de agenciamento das experiências e das ações dos cuidados corporais “desencaixados dos contextos tradicionais e ainda em permanente mutações. Para Giddens (2002), passa-se “da confiança em pessoas à confiança em sistemas abstratos”. Sistemas abstratos para o autor (2002) seriam as ciências, mídia, tecnologias, que passariam a alimentar uma “segurança” na medida em que oferecem a “confiança ativa”, uma confiança não mais baseada na tradição, mas na interpelação racional acerca das suas razões (dos indivíduos e das coletividades)

Observamos todo um movimento na nossa cultura contemporânea que nos envolve em uma “nova” história, na forma de nos relacionarmos e gerenciarmos os corpos, o que inclui, em minha perspectiva, também nossa relação com a gravidez. A gestação, em qualquer tipo de sociedade, é um acontecimento cercado de ritos e significados. Na atualidade, a gravidez se apresenta como um projeto que deve ser devidamente controlado, regulado, pleno “de temperança, prudência, gestão criteriosa/ponderada dos riscos (...)”, conforme afirma Castiel (2003, p. 82). Parece que, nesse contexto, os cuidados corporais e as ações que desencadeiam [na gravidez] seriam concebidos como de caráter político, as políticas da vida.

Para Foucault (2002), as políticas da vida introjetam uma referência interna, o que designa como “ontologia de nós mesmos”, um questionamento contínuo sobre si próprio, uma manutenção diária, uma espécie de **escrita de si**, um percurso do indivíduo [de seus cuidados] num processo de autointerrogação, “um tomar conta da sua saúde” a ponto de alcançar os acontecimentos

² Para Giddens (2002, p. 197 “[...] as questões políticas que fluem a partir de processos de auto-realização em contextos pós-tradicionais, onde influências globalizantes penetram profundamente no projeto reflexivo do eu e, inversamente, onde os processos de autorealização influenciam as estratégias globais”.

³ Essa nova socialização da gravidez fragiliza a autoridade da família (das comadres), das próprias mulheres e torna os sujeitos cada vez mais dependentes dos profissionais da saúde.



promotores refazendo a autoidentidade [da mãe cuidadosa e saudável]. Exercício de si [cuidado de si], sobre os quais as gestantes realizam “(...) um certo número de operações em seu corpo, em suas condutas, procurando se transformar e atingir determinados modos de ser, fazendo de sua vida uma obra em que sejam portadoras de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo, e cuja representação derive da escolha livre e razoável do próprio sujeito” (FOUCAULT, 2002, p. 313). Essa prática do exercício de si para Foucault (2002) é a subjetivação do poder disciplinar moderno, na medida em que cabe, aos sujeitos, no caso aqui as gestantes, efetuarem operações sobre si para se transformar e constituírem uma determinada forma de existência. Foucault (2002) descreve esse movimento como “estética da existência” e Giddens (2002) nomeia como “narrativas identitárias”, definindo como um conjunto integrado de práticas (como as de cuidado com saúde), em que o sujeito abraça porque elas preenchem uma necessidade utilitária e ainda dão forma concreta (material) a uma narrativa particular da “autoidentidade”. Na base desse movimento entendo que está a compreensão do “eu [corpo] como um projeto reflexivo”, descrito assim tanto por Giddens (2002) quanto por Foucault (2002).

Giddens (2002) destaca, assim, uma passagem da biografia padronizada garantida e fixada pelo contexto da tradição à uma biografia reflexiva – construída por intermédio de uma interação discursiva complexa, muito mais aberta do que supunha o modelo tradicional. É justamente aí, nessa obrigação de ter de escolher, nas mobilidades de discursos e agentes, que se apresenta a “ativação da subpolítica” enquanto novidade dos sistemas especializados e dos conhecimentos científicos, que são transferíveis dos profissionais da saúde aos sujeitos. A contemporaneidade está cheia deles: médicos, professores de Educação Física, nutricionista, pediatras, pedagogos, terapeutas corporais.

Para Giddens (2002), o “eu como um projeto reflexivo” contém um padrão “rigorosamente disciplinador” (embora se apresente como uma crença de liberação ante as condutas e os valores anteriores). Sua “novidade” estaria no fato de que essas estratégias de controle e de convencimento “introduzem uma economia do corpo, na qual a disciplina, através de vigilância e minucioso controle, ter-se-ia mostrado essencial”, legítimas porque científicas.

Na atualidade, a gravidez tornou-se progressivamente “ativa e intervencionista”, como diz Forna (1999, p.45)⁴, uma tarefa cada vez mais complexa e de muitas aprendizagens e exigências, pois uma rede de práticas e de saberes, tais como cuidados pré-natal, cursos especializados, consultas médicas, academias, alimentos diferenciados, complexificam os modos de viver a

⁴ Não tenho dúvida de que os inúmeros cuidados corporais trouxeram efeitos positivos e abriram novas possibilidades para se viver a gestação.



maternidade. A esse movimento chamamos de politização da maternidade e do corpo grávido, “(...) não no sentido de inovadora, mas no sentido de uma atualização, exacerbação, complexificação e multiplicação de investimentos educativo-assistenciais” (MEYER, 2006, p. 47) que objetivam maximizar, mediante a saúde materna, a saúde do feto.

A educação de mulheres mães e a Revista Pais & Filhos

Fischer (2002) é uma das estudiosas que chama a atenção para a importância que a mídia assume na atualidade, ocupando uma posição central no processo de constituição do sujeito contemporâneo, influenciando e modificando modos de ser de homens e de mulheres, inclusive, os de ser pai, mãe e gestante.

É importante destacar que na contemporaneidade elegeu-se a mídia como espaço privilegiado dessas enunciações, sobretudo da seguinte questão: são as mães que devem se ocupar pessoalmente dos seus filhos, serem mães saudáveis e responsáveis que promovam, acima de tudo, o desenvolvimento das crianças e que gravidez e um corpo “enxuto e bem delineado” não são categorias excludentes. Badinter (2003, p. 185) afirma que “(...) se opera uma espécie de revolução das mentalidades e que surgem, pela primeira vez, recomendações escritas para que as mães se ocupem [de si] e pessoalmente dos seus filhos”.

No contexto da mídia brasileira direcionada à família e às mulheres (potencialmente) mães, sobretudo, ressaltamos a importância da contribuição da revista *Pais & Filhos*, uma vez que essa publicação é considerada “a mais tradicional revista da família brasileira, há quarenta anos no mercado” (MIRA, 2001). A *Pais & Filhos* desfruta de uma longevidade notável, comparada com a quantidade considerável de séries de revistas lançadas, para esse público, a cada ano no Brasil⁵, posto que, dessas séries, poucas conseguem passar pela prova dos dez anos da primeira publicação.

Examinei exemplares da Revista *Pais e Filhos* publicados no período de 1968 a 2005, e, para fazer o referido exame, apoie-me na perspectiva dos estudos de gênero que se aproximam das teorizações pós-estruturalistas e utilizei, como estratégia metodológica, a análise de discurso foucaultiana. Parto da consideração da *Pais & Filhos* (seus textos) como um artefato, que está articulado a uma rede de diferentes aparatos culturais, exatamente por participar dessa rede. O que é transmitido pelo seu discurso o que nele é também e o que é silenciado, tem repercussões sociais, políticas e históricas.

⁵ Gravidez Feliz, Gravidez Especial, Gravidez e Gestação, Supermãe, Da Concepção ao Nascimento, A Gestação, Ser Mãe Especial, Seu filho e Você, Crescer em Família.



Do ponto de vista da metodologia adotada, realizei as análises valendo-me das contribuições de Foucault no que tange ao conceito de discurso e enunciado. Foucault (2002) sugere que o/a pesquisador/a tome os discursos, em sua materialidade, e tencione suas condições de produção e as posições de sujeito neles descritas. Instrumentalizadas por esse “modo de ver”, optamos por mapear os enunciados nos discursos da *Pais & Filhos*, observando as suas *regularidades, insistências, repetições, possíveis rupturas e descontinuidades*.

Dentro desse contexto de [educação e] reinvenção dos corpos grávidos, procuro mostrar neste artigo como e de que modo a *Pais & Filhos* nos educa como sujeitos de gênero; ensina-nos a dar sentido, no caso, à gravidez e à maternidade, sobretudo conferindo significado, ou melhor, efeitos específicos: o de demarcar inicialmente a posição da boa mãe, com saúde perfeita (...), o corpo grávido – como um corpo “inquieto” - por conta de sua saúde e de sua beleza, num processo nunca acabado nem completo, como observa Meyer (2006).

Aperfeiçoamento da saúde

Observo facilmente nas páginas da *Pais & Filhos* uma combinação inédita de muitas e diferentes práticas corporais. As gestantes aparecem fazendo pré-natal, cuidado da alimentação, dos dentes, na malhação, pedalando a bicicleta, fazendo ioga e pilates, suando na esteira, realizando práticas esportivas em contato com a natureza, caminhando, correndo, talvez na direção de apaziguar a responsabilidade de gestar outra vida, num contexto que exige dela (sobretudo de seu corpo), somente dela, a produção (utópica⁶) de um corpo puro e limpo, sem “doença” aparente e com uma “saúde perfeita”. Como observamos, há hibridismos e/ou sincretismos⁷ em termos de cuidados prescritos à manutenção da saúde das gestantes na *Pais & Filhos*. Diferentes saberes são apresentados na revista e coexistem, às vezes de maneira contraditória e outras de forma harmoniosa e mais ou menos integrada, justapondo e/ou articulando práticas de cuidados e aspectos conceituais de distintas racionalidades (LUZ, 2003). Na maior parte delas, os cuidados são postos na órbita do *self-service* (GIDDENS, 2002).

Escolher o próprio roteiro de cuidados corporais? Construa o seu roteiro de cuidados no decorrer da gravidez (PAIS & FILHOS, 1990).
--

⁶ Utopia – como descrição de uma “situação ideal, altamente aperfeiçoada, quimera, ilusão” (FERRREIRA, 1999).

⁷ A idéia de sincretismo em termos de práticas de saúde como marca da pós-modernidade é exposta e tomada aqui a partir dos estudos de Madel Luz (2003).



Observa-se que as gestantes são chamadas, cada vez mais, para dar atenção às questões da saúde. A chamada seguir ilustra essa observação:

Filho perfeito não nasce por acaso. É resultado de muito trabalho corporal da mãe (Pais & Filhos, ano 1, capa, outubro de 1968).

Entendo que esses excertos produzem efeitos na educação e regulação das grávidas na atualidade, redimensionando a relação corpo-gestante-feto e ensinando às gestantes, conforme Virilio (1998, p. 97) que a saúde “não é apenas algo que se tem, mas que constantemente é preciso adquirir”, aperfeiçoar e promover durante a gravidez. Ainda que algumas práticas sejam mais enfatizadas, validadas, outras são reconhecidas como necessárias para acelerar o desenvolvimento de “corpos mais sadios”. Na revista quase não se fala mais em seleção natural da espécie, mas sim em seleção da “espécie preparada, superior, perfeita, superequipada, aperfeiçoada” por meio de rigorosas formas de cuidado. Desse modo, vemos que as gestantes⁸ de hoje são chamadas a

administrar seus riscos (e as questões estéticas), numa forma de autopolicimento que implica o dever de lutar contra o próprio destino, ultrapassando os limites da própria configuração biológica com a ajuda da tecnociência (...) o imperativo da saúde perfeita, no campo da procriação na tentativa de evitar que erros inscritos como probabilidades nos códigos genéticos se efetivem – tanto nos organismos quanto no corpo social (SIBILIA, 2004, p. 199).

As gestantes, atualmente, estão sendo alvos ativos da lógica de que todo o ser humano “é capaz de aperfeiçoar a sua saúde [a sua gravidez]; e o grau dessa perfeição não tem limite”, segundo Garrafa (2003, p. 29). A partir da década de 90, a categoria da perfectibilidade (dos corpos e da saúde), oriunda do próprio conceito da Organização Mundial da Saúde e (re)afirmada, particularmente, pela medicina americana, vive seu grande momento também nos discursos da revista *Pais & Filhos* dirigidos às gestantes. É interessante observar o quanto a revista identifica as práticas saudáveis e a conquista de um lindo bebê - o saborear uma vitória.

⁸ Lupton (1999) observa que as estratégias, os discursos de promoção da saúde (pública e particular) dirigidos às grávidas não são capazes de interpelar todas elas ao mesmo tempo ou do mesmo modo.



Todas as mulheres
que aperfeiçoam a
saúde experimentam
grandes vitórias.
Além da segurança do
filho saudável

Figura 1 – Estúdio P & F. Pais & Filhos, São Paulo, n. 120, p. 27, nov. 1978.

A imagem do bebê é usada como estratégia destinada a significar a vitória de conceber o/a filho/a valorizando o encantamento e a paz que o nascimento de uma criança saudável e perfeita é capaz de provocar. Além disso, entendo que essa imagem reforça a ideia de que o corpo sadio do/a filho/a é resultado, também, da adoção das práticas saudáveis. Nesse sentido penso que se reafirma, nessa estratégia, o pressuposto do quanto as ações e os cuidados que a mãe assume na gravidez (como fazer exercícios), ajudam na produção da vida saudável e perfeita de que nos fala Sfez (1995). A conquista do/a filho perfeito/a é, assim, resultado das ações da mãe, da inserção de muitos cuidados. É ela que, graças aos seus esforços, chega a essa conquista que, na ótica da revista, está ao alcance de todas. Exercita-se, pois, um tipo de poder que atrai e seduz as mulheres porque materializa a conquista (ou vitória) de ter o/a filho/a perfeito/a, e isso é tão significativo que quase ninguém se atreve a contestá-lo ou problematizá-lo.

Imperativo do cuidado estético

Fica subentendido, nas páginas da *Pais & Filhos*, que a gravidez provoca no corpo das mulheres modificações, tais como: aumento de peso, flacidez, estrias, celulites, manchas, cicatrizes. A orientação é para que as gestantes otimizem as potencialidades corporais, para que não mais aceitem, resignadamente, o desgaste da gravidez, e sim promovam uma eficiente atividade de si, sobre si mesmas, correlata às exigências de proteção estética de seus corpos. Observa-se que os corpos grávidos são admirados, desde que não exibam as marcas da sua função: *quando a pele*



escurece, mancha e/ou fica com estrias, o aumento de peso, a falta de tônus muscular, tornam-se objetos de repulsa. Interessante notar que a pele escura, a “celulite” e a “estria”, até a década de 90, não eram tratadas pela revista como uma questão “repugnante” e “deformante”, como passa a ser a partir desta década. Wolf (1992, p. 301) destaca que

Os cirurgiões estéticos depois da década de 90 definem como doenças (deformidades) todas as evidências que o corpo apresenta de sua atividade reprodutiva – marcas de estrias, seios caídos, seios que amamentaram e o peso que se acumulou após o parto, à razão de cinco quilos por gravidez.

A seguinte chamada ilustra um pouco essa questão:

O que uma mulher vive na gravidez não precisa ficar em seu corpo. Deve ficar apenas em sua memória, basta estar preparada (PAIS & FILHOS, 1999).

Dessa forma, a memória do processo da gravidez, marcada nas dobras da pele converte-se em doença (WOLF, 1992). Pergunto-me: Será que não acontece nada de político aí? Parece-me que essas exigências para eliminar as marcas dizem muito, não de doença, mas da saúde moral e estética de uma época (?!). As gestantes são convidadas a construir suas saúdes e, por consequência, as dos seus fetos, a conservar as suas formas, a modelar sua aparência, a apagar as marcas da gravidez. Sibilia (2004) diz tratar-se de uma clara transição para as intervenções de uma vontade fáustica⁹ (limpar, corrigir, criar, ultrapassar) de “deletar” toda e qualquer impureza, inclusive as da pele.

A análise que apresentei aqui permite-nos, então, dizer que o processo da gravidez está estreitamente relacionado com o de construção de gênero: educar mulheres para se tornarem e viverem como grávidas está dentro desses processos que nos educam como sujeitos de gênero. Desta forma, apoiamo-nos em um pressuposto feminista fundamental para o debate contemporâneo dos estudos feministas – *o pessoal é também político* – para explicar as relações que se estabelecem entre a produção dos sujeitos, tentando compreender também as formas como nos tornamos sujeitos de gênero - mulheres e homens, mães (a boa mãe) e pais. Cuidar do corpo quando grávido, entretanto, não diz respeito apenas ao controle do peso, das medidas, de ter um filho mais saudável; vale lembrar que as intervenções corporais decorrentes desse processo contemporâneo traduzem-se em gratificações sociais, destacadas pela revista, da identidade da boa mãe - a que cuida e se cuida.

⁹ Fáustico, para Sibilia (2004), seria o indivíduo insatisfeito com a estreiteza do seu conhecimento.



As estratégias educativas, propagadas pela revista, inquietam os corpos por conta de sua saúde e beleza, e parecem dizer às gestantes, de muitas e diferentes formas: mantenham seus corpos indelévels. O que chama a minha atenção é que nunca fomos tão incitadas a manter os corpos sem marcas (indelévels) quando grávidas; ao mesmo tempo nunca fomos tão reguladas e controladas na própria ocupação de si (SCHWENGBER, 2006).

Referências

- BADINTER, Elisabeth. *Hombres/mujeres: Cómo salir del camino equivocado*. Buenos Aires AR: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- CASTIEL, Davied Luiz. Dédalo e os Dédalos: Identidade cultural, subjetividade e os riscos à saúde. In: CZERESNIA, Dina (Org). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas: Editores Associados/AMPED, n. 20, maio/jun./jul./ago. 2002.
- FORNA, Aminatta. *Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In:_____. *Ética, sexualidade, política*. Ditos e escritos. Rio de Janeiro: Forense: 2002. Universitária, vol. V.
- GARRAFA, Volnei. Bioética e manipulação da vida. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HAYS, Sharon. *Contradições culturais da maternidade*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.
- MEYER, Dagmar. A politização contemporânea da modernidade. *Gênero: núcleo transdisciplinar de estudos de gênero – NUTEG*, Niterói, v. 6, n. 1, 2006.
- LUPTON, Deborah. Risk and the ontology program. In: LUPTON, D. *Risk and sociocultural theory: new directions and perspectives*. Cambridge/UK: University Press, 1999.
- LUZ, Madel Therezinha. *Novos saberes e práticas em saúde coletiva*. Estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais. São Paulo: Hucitec, 2003.
- MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho D'Água/FAPESP, 2001.
- PAIS & FILHOS. São Paulo: Bloch e Manchete, anos 1-37. (Coleção).
- SCHWENGBER, Maria Simone Vione. *Donas de Si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2006.



SFEZ, Lucien. *A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia*. São Paulo: Unimarco/Loyola, 1995.

SIBILIA, Paula. O pavor da carne: risco da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 25, dez. 2004.

VIRILIO, Paul. Os motores da história. In: ARAUJO, Hermes Reis (Org.). *Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992